

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

DYENNY KAREN SILVA DE ANDRADE

A EFICÁCIA DE METODOLOGIAS COMUNICATIVAS PARA AQUISIÇÃO DE UMA
SEGUNDA LÍNGUA

ANÁPOLIS – GO

2017

DYENNY KAREN SILVA DE ANDRADE

A EFICÁCIA DE METODOLOGIAS COMUNICATIVAS PARA AQUISIÇÃO DE UMA
SEGUNDA LÍNGUA

Artigo apresentado à Faculdade Católica de Anápolis,
como requisito essencial para obtenção do título de
licenciatura em Pedagogia, sob a orientação do Prof. Msc.
Renato Antônio Ribeiro.

ANÁPOLIS – GO

2017

FOLHA DE APROVAÇÃO

DYENNY KAREN SILVA DE ANDRADE

A EFICÁCIA DE METODOLOGIAS COMUNICATIVAS PARA AQUISIÇÃO DE UMA SEGUNDA LÍNGUA

Artigo apresentado à Faculdade Católica de Anápolis,
como requisito essencial para obtenção do título de
licenciatura em Pedagogia, sob a orientação do Prof. Msc.
Renato Antônio Ribeiro.

Data da aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Msc. RENATO ANTÔNIO RIBEIRO
ORIENTADOR

Ma. KÁTIA CILENE CAMARGO SILVA
CONVIDADA

Ma. LAYSSA GABRIELLA ALMEIDA E SILVA
CONVIDADA

A EFICÁCIA DE METODOLOGIAS COMUNICATIVAS PARA AQUISIÇÃO DE UMA SEGUNDA LÍNGUA

Dyenny Karen Silva de Andrade¹
Prof. Msc. Renato Antônio Ribeiro²

RESUMO: Na busca de analisar as metodologias aplicadas no ensino de Língua Inglesa e sua importância para o desenvolvimento linguístico da criança, propõe-se neste artigo investigar se as práticas pedagógicas utilizadas pelos professores, nas aulas de Inglês para crianças de quatro a nove anos de idade, contribuem para o ato comunicativo. Tal estudo é fundamentado com base em alguns teóricos da educação tais como: Vygotsky (1962, 2007), Krashen (1982, 1985, 1989), Almeida Filho (1993), Figueiredo (2011), Hamers e Blanc (2004), entre outros. Para tal, fez-se observações de aulas e realização de entrevistas com professores de um centro de línguas, escola particular e escola bilíngue do município da cidade de Anápolis. Os resultados obtidos com a pesquisa mostram que as metodologias comunicativas contribuem para a aquisição da segunda língua, enquanto as metodologias que não priorizam a comunicação servem somente para o reconhecimento e memorização de vocabulário na língua-alvo. Portanto, a eficácia do processo de aquisição da segunda língua depende de metodologias que enfatizem a prática de oralidade e a interação entre os indivíduos.

Palavras-Chave: Aquisição da linguagem. Segunda língua. Metodologias. Crianças.

1 INTRODUÇÃO

A aquisição da linguagem começa desde o nascimento, nos primeiros contatos da criança com a mãe. Aos poucos, em interação com parceiros mais experientes, essa desenvolve a linguagem e emite as primeiras palavras de maneira espontânea e natural.

Esta pesquisa desenvolveu-se a partir dessa ideia, de que é possível adquirir uma segunda língua, neste caso, a Língua Inglesa, assim como a criança aprendeu a língua materna. Você consegue imaginar uma aula de Inglês em que o ato comunicativo, a fala, é o principal requisito para aprendizagem, e não a memorização de regras gramaticais e vocabulário?

¹ Graduanda em Pedagogia pela Faculdade Católica de Anápolis. *E-mail:* karendyenny01@outlook.com.

² Professor e Orientador na Faculdade Católica de Anápolis. Graduado em Ciências Biológicas pela UEG e Mestre em Educação, Linguagem e Tecnologias, pela mesma instituição. *E-mail:* rhenato@gmail.com.

Portanto, esta pesquisa desenvolveu-se a partir de teorias que expliquem como ocorre a aquisição uma segunda língua desde a infância, em que o foco foram as metodologias que contribuem para que a criança possa desenvolver a língua de forma natural, prazerosa e significativa. “A aprendizagem de Língua Estrangeira não é só um exercício intelectual em aprendizagem de formas e estruturas linguísticas em um código diferente; é, sim, uma experiência de vida, pois amplia as possibilidades de se agir discursivamente no mundo”. (BRASIL, 1998, p.38).

Dessa forma, a problemática surgiu em torno da necessidade de investigar se as metodologias aplicadas nas aulas de Inglês para crianças entre quatro e nove anos de idade, em escolas particulares, centro de línguas e escola bilíngue, são eficazes ou não para o processo de aquisição de uma segunda língua. As questões investigativas que foram respondidas ao longo do trabalho são: será que as metodologias escolhidas e aplicadas pelos professores estão contribuindo para o desenvolvimento da fala? Essas metodologias são eficientes para aquisição ou aprendizagem na língua? Como as metodologias comunicativas e o Método Natural de Krashen podem tornar o ensino de Inglês mais comunicativo e significativo para o aluno?

Assim, o objetivo geral da pesquisa foi analisar se as metodologias aplicadas nas escolas contribuem com eficiência para a aquisição da segunda língua. Para isso, apresentou-se um breve panorama histórico sobre a origem da Língua Inglesa, assim como a legislação que a regulamenta. Ainda, foram diferenciados os conceitos de língua materna (L1), segunda língua (L2), Língua Estrangeira (LE) e bilinguismo; compreendeu-se e apresentou-se as principais teorias sobre o desenvolvimento da linguagem e o processo de aquisição da segunda língua; descreveu-se as metodologias aplicadas pelos professores no ensino de inglês para crianças e, após a coleta de dados, analisou-se, com base em teóricos, de maneira a apresentar uma solução para a problemática.

Ao aprender uma segunda língua, a criança desenvolve habilidades comunicativas (falar, entender, ler e escrever), cognitivas e socioculturais. Além do mais, a aprendizagem de uma língua, por meio da aquisição, contribuirá para que esta criança seja fluente, proficiente, capacitando-a para situações de comunicação diversas na sociedade. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais:

A aprendizagem de Língua Estrangeira contribui para o processo educacional como um todo, indo muito além da aquisição de um conjunto de habilidades linguísticas. Leva a uma nova percepção da natureza da linguagem, aumenta a compreensão de como a linguagem funciona e desenvolve maior consciência do funcionamento da própria língua materna (BRASIL, 1998, p. 37).

Dessa forma, este trabalho teve por objetivo investigar e analisar as metodologias aplicadas no ensino de Inglês, com crianças, por meio de pesquisas bibliográficas, observações de aulas, realização de entrevistas com professores e análise dos resultados obtidos a partir dos teóricos que sustentam a ideia de que, por meio da interação e comunicação, é possível adquirir uma segunda língua.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 HISTÓRICO E LEGISLAÇÃO PARA AQUISIÇÃO DE UMA SEGUNDA LÍNGUA

No Brasil, o ensino da Língua Inglesa começa por meio de uma antiga relação econômica dos portugueses com os britânicos. Segundo os autores Bolognini, Oliveira e Hashiguti (2009, p.33-35), em 1703 foi firmado o tratado de panos e vinhos entre a coroa portuguesa e o Império Britânico, portadores da Língua Inglesa, que vieram para o Brasil em razão do interesse que tinham na abertura dos portos brasileiros para o comércio internacional em 1808.

Essas influências se ampliaram também no campo da linguagem. Ainda de acordo com Bolognini, Oliveira e Hashiguti (2009), o ensino de Língua Inglesa começou em 1809, no Colégio Dom Pedro II, juntamente com a Língua Francesa. Apesar de que, para entrar nas academias o Inglês não era exigido no currículo do aluno, a aprendizagem dessa língua se fazia necessária devido às relações de comércio estabelecidas entre os portugueses e os britânicos. Mais tarde, ela se tornou a única língua obrigatória a ser ensinada nas escolas, devido à influência econômica e o controle dos meios de produção científica dos Estados Unidos. Em 1938, surgiu em São Paulo a Escola Paulista de Letras Inglesas, e, além disso, o governo norte-americano investiu em filmes, livros, discos, incentivando a difusão do ensino do Inglês no Brasil.

Desde então, a Língua Inglesa foi considerada uma língua franca global, ou seja, um idioma universal, em que mais de 50 países a tem como língua oficial, além dos falantes não nativos de outros países (MARQUES, 2012).

Em relação ao modelo de educação das escolas bilíngues, no Brasil caracteriza-se pela imersão, isto é, um grupo de crianças falantes de determinada língua materna recebe toda ou parte da instrução por meio de uma segunda língua, neste caso o Inglês. Na escola bilíngue ela irá aprender Matemática, História, Geografia, Ciência e todas as outras disciplinas em outro idioma (MEGALE, 2005).

Não há lei que regulamente este modelo de educação bilíngue no Brasil, a fim de delinear a organização do tempo, as abordagens e as práticas pedagógicas para o ensino de outro idioma. Porém, há no Brasil outras propostas adotadas e discutidas: a educação bilíngue com a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a educação bilíngue indígena.

Por uma questão de *marketing*, as escolas particulares também têm procurado oferecer o ensino da Língua Inglesa desde a Educação Infantil, apesar de não haver obrigatoriedade prevista em lei. A LDB 9.394/96 prevê o ensino de LE obrigatório a partir da quinta série do Ensino Fundamental. O Art. 26, § 5º dispõe que “na parte diversificada do currículo será incluído, obrigatoriamente, a partir da quinta série, o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna, cuja escolha ficará a cargo da comunidade escolar, dentro das possibilidades da instituição”. (BRASIL,1996, *online*).

Uma notícia recente publicada no G1 mostra que “o Brasil desde que conseguiu um salto de qualidade no domínio do Inglês da população, há cinco anos, se manteve estagnado no nível de proficiência "baixo" da língua, segundo os dados da edição 2017 do Índice de Proficiência em Inglês”. Isto mostra o reflexo da educação em Língua Inglesa que o país oferta aos estudantes.

Apesar de essas escolas ofertarem a Língua Inglesa para crianças, a qualidade do ensino se esbarra na falta de profissionais qualificados para exercer tal função. Os professores que atuam nesta área, na maioria das vezes, não possuem formação pedagógica e, muito menos, conhecimento da língua para falar fluentemente com os alunos. Se o educador não possui formação para tal, a abordagem, as metodologias, as práticas pedagógicas, assim como a conversação em sala de aula serão superficiais, o que contribui para a formação de alunos que apresentam pouca ou nenhuma habilidade ou competência comunicativa na língua-alvo.

2.2 CONCEITUANDO

Para compreensão da temática desenvolvida neste artigo sobre as metodologias comunicativas para aquisição de uma outra língua, os termos “língua materna”, “segunda língua”, “língua estrangeira” e “bilinguismo” serão conceituados.

O conceito de Língua Materna (L1), ou primeira língua não é, obrigatoriamente, a língua da mãe. “Normalmente é a língua que aprendemos primeiro e em casa através dos pais, e também é frequentemente a língua da comunidade”. (SPINASSÉ, 2006, p. 5). De acordo com a autora, pode haver mais de uma língua materna, e isto será determinado pela identidade cultural da família. Ex.: o pai ser alemão e a mãe brasileira.

Segundo Spinassé (2006), uma segunda língua (L2) é qualquer língua aprendida após a primeira língua ou língua materna (L1). Diferente do conceito de Língua Estrangeira (LE), uma não-primeira língua é aquela adquirida sob a necessidade de comunicação dentro do processo de socialização.

De acordo com o Dicionário da Língua Portuguesa (2017), o termo “bilinguismo” implica dimensões e fatores complexos de coexistência de dois sistemas linguísticos diferentes e o termo bilíngue significa aquele “que fala duas línguas”. Já Hamers e Blanc (2004, p.06) definem bilinguismo como “o controle nativo de duas línguas”.

A idade de aquisição para o bilinguismo é um fator de extrema importância, pois afeta o desenvolvimento neuropsicológico, linguístico, cognitivo e sociocultural do indivíduo falante de L2. De acordo com a idade de aquisição da segunda língua, dá-se o bilinguismo infantil, ou bilinguismo adolescente ou bilinguismo adulto (HAMERS; BLANC, 2004).

No entanto, esta pesquisa focou-se em crianças que se caracterizam como bilíngue infantil consecutivo, ou seja, elas estão adquirindo a segunda língua (neste caso a Língua Inglesa) após terem adquirido a língua materna (L1). “No bilinguismo consecutivo, a criança adquire a segunda língua ainda na infância, mas após ter adquirido as bases linguísticas da L1, aproximadamente aos cinco anos”, conforme aponta Hamers e Blanc (2004, p.28-29).

3 DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM

A comunicação é uma atividade social, rica e complexa, que envolve competências linguísticas e cognitivas. O conceito de linguagem denomina-se por “um sistema de sinais simbólicos utilizados por uma pessoa para comunicar com outras.” (KONKIEWITZ, 2009, p. 65).

O desenvolvimento da linguagem começa desde cedo, no momento que a criança entra em contato com o mundo externo. Sobre isso afirma Oliveira (2011, p. 132) “os signos não são criados ou descobertos pelo sujeito, mas o sujeito deles se apropria desde o nascimento, na sua relação com parceiros mais experientes”. A partir daí, ela começa adquirir a linguagem subconscientemente, estruturando o pensamento e seus comportamentos.

Konkiewitz (2009, p.65) complementa que “qualquer criança vai adquirir qualquer linguagem a que for exposta, mas a aprendizagem não pode acontecer sem que exista algum mecanismo inato que a realize.”

Um estudioso neurocirurgião francês, Paul Broca, descobriu uma área no cérebro responsável pela elaboração e pelo desenvolvimento da linguagem, chamada região ou área de Broca. O autor define área de Broca como:

Região especial no córtex pré-frontal que contém um circuito necessário para a formação da palavra. Esta área está localizada parcialmente no córtex pré-frontal postero-lateralmente e parcialmente na área pré-motora. É onde ocorre o planejamento dos padrões motores para a expressão de palavras individuais (KONKIEWITZ, 2009, p.67-68).

Além do mais a área de Broca se conecta com outra região cerebral denominada área de Wernicke, responsável pela compreensão da linguagem, e reconhecimento dos sons, processando-os para que sejam interpretados como palavras, conceitos e utilizados para emitir informações (KONKIEWITZ, 2009).

Vygotsky (1962, p.09) enfatiza que a vertente interacionista em que o desenvolvimento do indivíduo acontece por meio de trocas recíprocas com o meio em que vive e não isoladamente. Ou seja, de acordo com o autor, não é suficiente ter todo o aparato biológico da natureza humana para realizar uma tarefa se o indivíduo não participa de situações e práticas sociais que propiciem a aprendizagem.

A criança quando chega à escola já possui conhecimentos prévios, pois ela já fala e realiza ações através da imitação dos adultos, uma vez que a aprendizagem e o desenvolvimento acontecem desde o primeiro ano de vida das crianças. Segundo o autor acima, não se pode limitar o aprendizado e o nível de desenvolvimento da criança com base em uma faixa etária específica, pois o objetivo é descobrir as relações reais entre o processo de desenvolvimento e a capacidade de aprendizado do indivíduo. Logo, o autor explica que há dois níveis de desenvolvimento: o real e o potencial.

Vigotsky (2007) explica que o nível de desenvolvimento real é tudo que a criança consegue realizar sozinha, sem ajuda de um adulto, e o nível de desenvolvimento potencial é tudo que a criança não consegue realizar sozinha, necessitando do auxílio de parceiros mais experientes.

Por conseguinte, a zona de desenvolvimento proximal é a distância entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial, ou seja, define-se por ações que a criança realiza que ainda não amadureceram, mas estão em processo de maturação, caracteriza o processo de desenvolvimento mental dessa criança. “A zona de desenvolvimento proximal permite-nos delinear o futuro imediato da criança e seu estado dinâmico de desenvolvimento, propiciando o acesso não somente ao que já foi atingido através do

desenvolvimento, como o que está em processo de maturação”, assevera Vigotsky (2007, p.98).

As teorias do desenvolvimento cognitivo e a zona de desenvolvimento proximal influenciaram o conceito de Krashen sobre a aquisição da Língua Inglesa, pois se trata de adquirir um idioma como fruto da experiência histórico-social do indivíduo.

Pesquisas recentes apontam que outros métodos, como o Resposta Física Total (ASHER, 1969), o Método Natural (KRASHEN, 1982) e a Sugestopedia (LOZANOV, 1978) são mais eficientes porque apresentam características essenciais para a aquisição de uma LE: fornecem grande quantidade de *input* compreensível e propiciam um ambiente de baixa ansiedade (CALLEGARI, 2006, p. 95). Porém, neste trabalho, o Método Natural desenvolvido por Krashen foi o foco da pesquisa, assim como outras metodologias comunicativas.

Stephen Krashen foi um linguista norte-americano que desenvolveu estudos teóricos na área da Linguística Aplicada concernente ao processo de aquisição da segunda língua, e até os dias atuais suas ideias são amplamente discutidas no campo científico. O linguista trouxe contribuições para o ensino de línguas estrangeiras sob a perspectiva da psicologia educacional de Vigotsky.

Dessa forma, Krashen (1982, 1985) desenvolveu o Modelo do Monitor que se baseia em cinco hipóteses:

- A) hipótese da distinção entre aquisição e aprendizagem;
- B) hipótese da ordem natural;
- C) hipótese do monitor;
- D) hipótese do *input*;
- E) hipótese do filtro afetivo.

De acordo com o mesmo autor (1985) existem duas maneiras de apropriar de uma língua estrangeira. A primeira delas é a aquisição (*acquisition*) que caracteriza-se como um processo natural que se desenvolve no nível do subconsciente, conforme o processo de assimilação da língua materna. Não há esforço consciente por parte do indivíduo, nem ênfase para a formalidade da língua, mas sim na ação comunicativa estabelecida pela necessidade de interagir na língua-alvo.

Por outro lado, a aprendizagem (*learning*) é um processo racional e consciente que resulta do conhecimento formal sobre a língua. Por meio da aprendizagem (decorrente da memorização de regras gramaticais e vocabulário), o indivíduo é capaz de identificar estruturas gramaticais na língua-alvo, enfatizando mais a regra do que a mensagem que está

sendo transmitida. Para Krashen (1985), a aprendizagem nunca se transformará em aquisição e, portanto, por meio da aprendizagem nunca será alcançado o nível de competência comunicativa que possa ser equivalente a de um nativo, o que resultará apenas se a criança passar pelo processo de aquisição.

3.1 A HIPÓTESE DA ORDEM NATURAL

Esta hipótese está relacionada com o processo de aquisição pelo qual a criança, em determinado momento, necessita compreender as estruturas gramaticais na Língua Inglesa. Krashen (1985) supõe que há uma ordem para aquisição dessas estruturas. Assim como na língua materna, o indivíduo adquire inconscientemente algumas regras antes de outras. Ele afirma que na segunda língua o processo é o mesmo, porém a ordem não é a mesma para a língua materna e a Língua Inglesa, ou seja, a criança pode internalizar determinada regra na sequência que o professor apresentá-la independentemente se ela já adquiriu ou não na língua materna. Além do mais, essa ordem de aquisição ocorre inconscientemente se o aluno for exposto a mostras significativas da LE, independentemente da ordem apresentada pelo professor em sala de aula.

Um exemplo prático da hipótese de ordem natural é o ensino dos tempos verbais da Língua Portuguesa. Parte-se, nas aulas iniciais, dos verbos “ser” e “estar” no presente do indicativo; em seguida passa-se para verbos regulares no presente do indicativo; seguem-se os irregulares, os tempos do pretérito do indicativo, o futuro do indicativo, presente, pretérito e futuro do subjuntivo e em algum momento apresenta-se o imperativo (KRASHEN, 1985).

A Ordem Natural é importante para auxiliar o professor na escolha de atividades que sejam compatíveis ao nível de maturidade do aluno, suas limitações e além do mais observar a fase de aquisição da linguagem que as crianças estão. A aquisição da linguagem é um processo, e, portanto, não há certo ou errado, mas o educador precisa mediar esse processo para que a criança chegue à fluência e proficiência na Língua Inglesa.

3.2 HIPÓTESE DO MONITOR

Esta hipótese funciona como um corretor de textos, e é mais percebida em aprendizes adultos. Krashen (1985) afirma que quando o indivíduo fala alguma coisa e percebe que sua fala ficou incorreta, ele tende a corrigi-la imediatamente. No entanto, apesar de ter adquirido a língua por meio de uma produção criativa, inconsciente, o conhecimento

das regras gramaticais, por outro lado, é resultado de uma aprendizagem consciente. Com isso, principalmente o adulto utiliza essa hipótese de maneira excessiva, pois o medo de errar frases no momento de comunicação é muito grande. Conseqüentemente, isso prejudica sua fluência na língua-alvo, o que resulta na necessidade de o professor criar atividades que favoreçam o uso espontâneo na língua-alvo. Segundo Krashen (1985, p.91) “a preocupação com a correção linguística pode gerar insegurança e frustração, além de um discurso menos fluido (ou seja, a produção é constantemente monitorada)”.

Com as crianças, é perceptível a ausência do “medo” de falar errado, pois a tendência é que elas conversem de maneira espontânea, sem pensar em corrigir os erros posteriormente. Com isso, o educador deve estar atento aos erros que elas cometem, e corrigi-las sem ridicularizá-las, e, ao mesmo tempo, não prejudicar seu desenvolvimento na aquisição da Língua Inglesa.

3.3 HIPÓTESE DO *INPUT*

Esta hipótese é a base para a teoria de aquisição da segunda língua. Krashen (1985) ressalta que para a aquisição de uma segunda língua o indivíduo precisa ser exposto ao insumo (conhecimento) na língua-alvo em um nível superior ao seu. Ou seja, o aluno possui conhecimentos prévios e será oferecido a ele informações extralinguísticas, novas estruturas, vocabulário e gramática e que serão adquiridos por meio de um contexto de comunicação e inserção desse aprendiz ao insumo compreensível. O autor especifica o nível atual de cada aprendiz como “*i*” e o insumo ideal a ser-lhe oferecido como “*i + 1*”.

Segundo o autor supracitado (1985, p. 242) “o professor não precisa esforçar-se para oferecer as próximas estruturas (hipótese da Ordem Natural) a seus alunos: isso ocorrerá automaticamente se eles receberem quantidade suficiente de insumo compreensível.

Esta hipótese idealizada por Krashen se assemelha com o conceito de zona de desenvolvimento próximo em que Vigotsky conceitua como o processo de desenvolvimento da criança, entre o que ela sabe e o que ela é capaz de aprender se for exposta a tal conhecimento.

Ainda sobre esta hipótese, confirma Krashen (1985, p. 242) “a fala é resultado da aquisição e não a sua causa e, portanto, não pode ser ensinada diretamente, mas ‘emerge’ como resultado da competência construída via insumo compreensível”.

Outra afirmação é que “se o insumo é compreendido e suficiente, a gramática necessária é automaticamente fornecida.” Com essas proposições, o autor quis enfatizar a

importância de oferecer à criança possibilidades de desenvolvimento de competências comunicativas na Língua Inglesa, e, conseqüentemente, por meio de atividades lúdicas, de experiências linguísticas, inconscientemente, ela compreenderá o vocabulário, a gramática e além do mais será fluente na segunda língua.

3.4 HIPÓTESE DO FILTRO AFETIVO

Conforme a hipótese anterior, ser exposto a um *input* compreensível é condição fundamental para que o indivíduo adquira uma língua estrangeira. No entanto, consoante Krashen (1985, p.3), apenas a mostra ao *input* não é suficiente. É imprescindível que o aluno esteja afetivamente suscetível a recebê-lo. Para ele, se o aprendiz receber todo o *input* compreensível, conhecimentos acima de seu nível de competência linguística e não conseguir transformá-lo em aquisição, isto se dá em razão da existência do que Krashen denomina “filtro afetivo” definido como “o bloqueio mental que impede os aprendizes de utilizar completamente o *input* compreensível recebido para a aquisição da linguagem”.

O autor referido esclarece que quando os alunos possuem um filtro afetivo baixo, é maior a facilidade e a eficácia na aquisição de uma segunda língua, pois não há preocupação quanto à impossibilidade de sucesso na aquisição da língua-alvo. Por outro lado, os alunos que apresentam filtro afetivo alto, mesmo que sejam expostos ao insumo, não alcançarão o mesmo nível linguístico de um falante nativo, pois o nível de ansiedade, desmotivação e baixa autoconfiança impedem que ele desenvolva competências linguísticas na segunda língua.

Em harmonia, ainda, com o mesmo autor, existe uma explicação para as diferenças de aprendizagem entre crianças e adultos. Ainda na infância, a criança possui um filtro afetivo baixo, apresentando facilidade, espontaneidade e, possivelmente, se tornará fluente na segunda língua. Porém, à medida que a criança cresce e amadurece, o nível de ansiedade e desmotivação aumenta. Como resultado, o jovem ou adulto, sobretudo, terá mais dificuldades para adquirir a língua, mas isso não significa que eles não aprenderão. Dessa maneira, a situação ideal para aquisição de uma segunda língua, seria para Krashen (1985, p. 4) “a existência de um filtro afetivo baixo, que faria com que o aprendiz estivesse tão envolvido na mensagem que temporariamente esquecesse que está ouvindo ou lendo outra língua”.

Em suma, as hipóteses, sobre a aquisição de uma segunda língua, desenvolvidas por Krashen supõem que a aprendizagem em L2 seja similar à aprendizagem em L1, criando ambientes e situações sociais que se assemelham com a aquisição da L1. Ele acredita que se

os alunos de L2 forem expostos a um “*input* compreensível” e ao mesmo tempo, compreender o significado da mensagem e não em como ela foi transmitida, eles serão capazes de adquirir a segunda língua, assim como eles aprendem a língua materna.

A partir dessas hipóteses e teorias sobre o aprendizado de línguas estrangeiras é possível dar subsídios ao trabalho do professor, facilitando a maneira de ensinar essas crianças, e em como planejar atividades lúdicas, criativas e prazerosas, para que os discentes possam adquirir a língua de uma forma natural.

No que se diz respeito ao ensino e aprendizagem de línguas, a linguística aplicada (doravante LA) tem contribuído significativamente para os estudos e análise linguística no contexto social. Brown (1972) define a linguística aplicada como uma subárea da linguística que tem sido desenvolvida com base em teorias e princípios linguísticos com aplicação prática. O letramento, ensino de línguas estrangeiras e o ensino de leitura são alguns exemplos de aplicação prática desta ciência.

O contexto de ensino e aprendizagem de línguas durante todo o século XIX e início do século XX era baseado na Abordagem Estruturalista. Figueiredo e Oliveira (2011, p. 12) conceituam abordagem estruturalista como a “que prioriza a forma linguística, a estrutura de uma língua”. Dentro dessa abordagem encontra-se o Método de Gramática e Tradução, o Método Direto e o Audiolingual. Porém, estes métodos de ensino começam a ser questionados, pois não capacitava os alunos para comunicação e proficiência na língua.

Com o tempo, percebeu-se a necessidade de mudanças para essa abordagem, e no final da década de 70 dá-se origem à Abordagem Comunicativa, e a teoria de Krashen sobre a aquisição da segunda língua, mudando, significativamente, o contexto de aprendizagem em LE. Segundo Figueiredo e Oliveira (2011, p. 13) “a Abordagem Comunicativa prioriza o significado da mensagem, o propósito comunicativo das interações”. Logo, o foco nas aulas de Inglês se torna praticar a fala, em contextos comunicativos que proporcionem a interação entre pares ou grupos.

De acordo com a abordagem decorrem os métodos e as técnicas. Conforme Almeida Filho (1993, p.13), a abordagem de ensinar é composta pelo

Conjunto de disposições de que o professor dispõe para orientar todas as ações de operação global de ensinar uma língua estrangeira. A operação global de ensino de uma língua estrangeira compreende o planejamento de cursos e suas unidades, a produção ou seleção criteriosa de materiais, a escolha e construção de procedimentos para experienciar a língua-alvo, e as maneiras de avaliar o desempenho dos participantes. A abordagem é uma filosofia de trabalho, um conjunto de pressupostos explicitados, princípios estabilizados ou mesmo crenças intuitivas[...] (ALMEIDA FILHO, 1993, p.13).

Em outras palavras, o autor quis conceituar que a abordagem envolve desde as crenças e princípios do professor, aos procedimentos metodológicos e a escolha dos recursos didáticos para aplicação da metodologia.

Sucessivamente, o método define-se como “as atividades desenvolvidas em sala de aula e a teoria que as norteia” (PRABHU, 1990, p. 162). Já o termo “técnica” se refere “às ações utilizadas para realizar um determinado objetivo durante a aula, bem como os instrumentos utilizados no ensino de línguas (gravadores, recursos audiovisuais, etc.)” (ANTHONY, 1963, p. 63-64). Em outras palavras, o método corresponde às metodologias ou procedimentos que serão escolhidos pelo professor em conformidade com uma teoria, para chegar a um objetivo pré-estabelecido, agregando as técnicas e os recursos didáticos que contribuirão para a eficácia do processo de aquisição de uma segunda língua.

Tendo em vista a relevância da Abordagem Comunicativa para o processo de aquisição, os educadores precisam conhecer e planejar suas aulas baseadas em teorias, escolher um método e uma técnica que possa contribuir para o desenvolvimento das quatro habilidades comunicativas (produção oral, compreensão oral, leitura e escrita), proporcionando aos alunos o uso da língua em situações reais de comunicação.

A seguir, foram apresentados alguns resultados de pesquisas realizadas com foco no processo de ensino-aprendizagem de uma segunda língua com crianças, e, de acordo com Tonelli (2005), os resultados mostram que os jogos de leitura desenvolvidos a partir do contexto das histórias exploradas em sala de aula contribuem para o ensino-aprendizagem de Inglês das crianças. Reafirma-se, portanto, que o uso do gênero textual histórias infantis no ensino-aprendizagem de Inglês para crianças é um instrumento importante para o sucesso desta atividade escolar.

Gomes (2013) afirma que a aquisição acontece naturalmente despercebida de intenções ou avaliações. A criança passa a aprender duas ou mais línguas ao mesmo tempo e desenvolve a capacidade de alterná-las tranquilamente, compreendendo e correspondendo a comandos e, logo, é possível constatar o sucesso do método *Natural Approach* de Krashen, utilizado pela *teacher*, para o desenvolvimento das crianças.

Portanto, nota-se a importância de utilizar os gêneros textuais para auxiliar no processo de aquisição de uma segunda língua, assim como aprender uma língua por meio de atividades lúdicas, prazerosas e que proporcionem comunicação.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho acadêmico iniciou-se com pesquisa bibliográfica, como requisito básico para o estudo científico, baseando-se em ideias e teorias de autores relacionados ao tema. Segundo Marconi e Lakatos (2003, p. 43) “a pesquisa bibliográfica é o levantamento de toda a bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita... Ela pode ser considerada como o primeiro passo de toda a pesquisa científica.”

Utilizou-se como referência para este artigo científico autores conceituados como Vygotsky (1962,2007), Krashen (1982,1985,1989), Almeida Filho (1993), Figueiredo (2011), Hamers e Blanc (2004), entre outros autores que contribuíram para construção da revisão bibliográfica.

Nesta fase foram utilizados para pesquisa artigos científicos da *Scielo*, Capes, Revista de Linguística Aplicada, livros, teses, vídeos do *youtube* e *sites* especializados. Depois de ter selecionado o material bibliográfico, foi feita a compilação e os fichamentos do material bibliográfico.

A pesquisa de campo ocorreu em um centro de línguas situado no setor leste da cidade de Anápolis, em que foram realizadas observações durante sete aulas na turma do *HappyCampers*³, composta por alunos de seis a nove anos de idade. Também o mesmo ocorreu na escola situada no setor norte, tanto na Educação Infantil (Jardim II), quanto no Ensino Fundamental I (primeiro ano), e ainda na escola Bilíngue.

Para a observação das aulas, utilizou-se um roteiro com as seguintes perguntas: “Quantos alunos há em sala? Qual a temática (conteúdo) está sendo trabalhado? De que maneira (método) o professor está aplicando este tema (conteúdo)? Quais recursos didáticos foram utilizados? Os alunos prestam atenção enquanto o professor fala? Por quanto tempo? Os alunos participam e interagem com o professor, em relação ao conteúdo? Como é o relacionamento entre professor-aluno? Outros. (Apêndice A).

A pesquisa caracterizou-se como descritiva e explicativa. Logo, “A pesquisa descritiva exige do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar. Esse tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade” (TRIVIÑOS, 1987, p.112). Por isso, durante as observações foram descritas as metodologias aplicadas pelos professores.

Segundo Gil (2007, p. 43), “uma pesquisa explicativa pode ser a continuação de outra descritiva, posto que a identificação de fatores que determinam um fenômeno exige que este esteja suficientemente descrito e detalhado.” Assim, após o período de observação de

³ O termo “*HappyCampers*” é utilizado para nomear a turma das crianças no Curso de Idiomas.

aulas, que durou cerca de três meses, procurou-se explicar a eficiência ou não das metodologias utilizadas nas aulas de Inglês.

Após a fase de observações de aulas, foram feitas entrevistas estruturadas com perguntas abertas, com quatro professores do sexo feminino, sendo um professor do Centro de Línguas, um professor da Educação Infantil, um professor do Ensino Fundamental 1ª fase e um professor do ensino Bilíngue.

Os sujeitos da pesquisa foram nomeados usando siglas para identificá-los, mas de forma a manter o sigilo sobre suas identidades, a saber: P1, P2, P3 e P4, porém, a seguir foram apresentadas características desses respondentes, para uma melhor compreensão dos dados deste trabalho.

A professora 1 (P1) foi a entrevistada do curso de Inglês no município de Anápolis. Ela exerce o cargo de professora dessa disciplina na instituição há 1 ano e 3 meses, é formada em Letras (Licenciatura) e pós-graduada em Psicopedagogia. Possui seis anos de experiência em docência de idiomas na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, morou fora do Brasil durante muitos anos, onde aperfeiçoou a Língua Inglesa.

A professora 2 (P2) foi a entrevistada de uma escola particular no município de Anápolis. Exerce cargo de professora de Inglês na instituição há quatro anos, formada em Letras (Licenciatura), pós-graduada em Docência Universitária e atualmente está finalizando uma complementação pedagógica.

A professora 3 (P3) trabalha na mesma escola particular que a anterior, em Anápolis, exerce cargo de professora de Inglês e Espanhol na instituição há 12 anos. É formada em Letras (Licenciatura em Português e Espanhol). Possui nove anos de experiência em docência de idiomas no Ensino Fundamental I e II.

A professora 4 (P4) é da escola Bilíngue, exerce cargo de professora de Inglês na instituição há dois anos e sete meses. É formada em Pedagogia e possui curso de Inglês avançado. Possui nove anos de experiência em docência de idiomas na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, e além do mais, viveu na Inglaterra durante a infância e adolescência, contribuindo para que ela adquirisse o inglês britânico.

Para a análise dos dados coletados, utilizou-se da abordagem qualitativa, pois as informações obtidas não puderam ser quantificadas, e, portanto, foram apresentadas em forma de texto e tabela. “A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.” (GOLDENBERG, 1997, p. 34).

Portanto, os dados obtidos mediante as observações e as entrevistas foram adquiridos pelo rigor dos métodos acima explicitados e confrontados sob a teoria de autores que estudam esses fenômenos.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O processo educativo deve estar fundamentado em teorias e metodologias que sejam eficazes para alcançar os objetivos propostos pelos docentes. O tema da pesquisa consiste na eficácia de metodologias comunicativas para o processo de aquisição de uma segunda língua, que neste caso, é a Língua Inglesa.

As observações realizadas nas escolas e no curso de idiomas tiveram como foco o registro das metodologias aplicadas pelos docentes nas aulas de Inglês. As instituições, de maneira geral, possuem uma estrutura organizacional, espacial e tecnológica muito boa. Os docentes possuem todo material didático e pedagógico acessível e em boas condições para serem utilizados.

Durante a observação das aulas foi possível perceber diferenças, em relação às metodologias aplicadas no curso de Inglês, na Educação Infantil (Jardim II), no Ensino Fundamental I (ensino regular) e na escola bilíngue, pois são realidades distintas.

No curso de Inglês e na escola bilíngue, o objetivo é fazer com que o aluno adquira a Língua Inglesa por meio de contextos significativos, desenvolvendo as competências linguísticas necessárias, para que ele possa comunicar-se em situações diversas. Os pais colocam os filhos, principalmente, as crianças, esperando ver resultados positivos, de que este aluno compreenda e fale essa língua. Por esse motivo, a cobrança aos professores por parte da equipe gestora é maior, visto que o ensino precisa ser de qualidade, com profissionais capacitados, com uma carga horária ampliada, e metodologias que priorizem a comunicação somente na Língua Inglesa.

Enfatizando esta afirmação, Romanowski, Martins e Junqueira (2004, p. 24) sustentam que “se os alunos fazem pontes entre o que aprendem intelectualmente e as situações reais, experimentais, profissionais ligadas aos seus estudos, a aprendizagem será mais significativa, viva, enriquecedora”. Desse modo, as metodologias aplicadas nessas instituições são resumidamente: leitura e produção de textos em Inglês, projetos literários, brincadeiras lúdicas com foco na linguagem, uso da música para desenvolver oralidade, *cookingclass* (aulas na cozinha), *moviesession* (atividades desenvolvidas com filmes), ditados

com letras avulsas, trabalhos manuais e uso do livro didático. É importante mencionar que o tempo no curso de Inglês é de duas horas, e no bilíngue a criança fica durante a tarde toda.

Por outro lado, no Jardim II, e no 1º ano do Ensino Fundamental, pertencente ao ensino regular, as aulas tinham duração de 50min só uma vez por semana. Em relação à estrutura organizacional e espacial da escola, não há diferença das instituições citadas anteriormente. A escola também oferece material didático-pedagógico para os professores, assim como aparato tecnológico para ser utilizado. As metodologias utilizadas eram sempre as mesmas, principalmente o uso do livro didático, a mesma música era cantada no início da aula, e algumas vezes as professoras usavam *flashcards* (cartão com imagem e nome do objeto) para explicar o vocabulário do livro. Foi possível notar que apesar de o livro didático apresentar uma tendência comunicativa, com atividades de *listening* (produção oral), músicas e histórias infantis, outros exercícios não eram explorados pelos professores, mantendo sempre a mesma prática pedagógica.

Contudo, a professora do Jardim II aplicou uma metodologia bem interessante para que os alunos pudessem praticar mais a língua. Ela criou ursinhos de fantoches para proporcionar atividades práticas de oralidade. “A interação entre os indivíduos e o meio social é mediada pela linguagem, considerando-se suas inúmeras formas e realizações”. (MESSIAS; GARCIA; LOPES, 2011, p. 01).

A primeira pergunta da entrevista referiu-se à faixa etária dos alunos de cada professor. Para melhor entendimento e disposição dos dados, a seguir tem-se, no Quadro 1, a idade e a modalidade das turmas de cada docente (P1), (P2), (P3) e (P4) respectivamente:

Quadro 1 – Faixa etária dos alunos de cada professor

MODALIDADE- Turmas	FAIXA ETÁRIA DOS ALUNOS
CURSO DE IDIOMAS- <i>HappyCampers</i>	6-9 anos
EDUCAÇÃO INFANTIL- Jardim II	4-6 anos
ENS. FUNDAMENTAL I- 1º ano	6-7 anos
EDUCAÇÃO BILÍNGUE- 1º ano	5-7 anos

Fonte: Autora desta pesquisa, 2017.

Estudos evidenciam que quanto menor a idade, mais fácil, mais rápido e mais completo será o aprendizado da L2. Assim como a idade é um fator determinante no aprendizado de uma forma geral, ela também é um fator determinante no grau de eficácia de aquisição de uma segunda língua (KRASHEN, 1982, p. 43). Dito isto, o autor defende a ideia de que tanto a criança, o adolescente, quanto o adulto, podem adquirir uma segunda

língua por imersão ou por meio do processo de assimilação. Portanto, a criança que aprende uma L2 desde cedo poderá alcançar proficiência e fluência tal como um falante nativo. O que dificulta o processo de aquisição para os adultos é que eles são mais tímidos e tendem a falar menos por medo de errar. Esta afirmação baseia-se na teoria do Monitor de Krashen.

Em relação à pergunta dois, as professoras tinham que responder quais metodologias elas aplicavam em suas aulas de Inglês, e se elas se relacionavam com a concepção pedagógica da escola, e de que maneira.

As docentes responderam que as metodologias utilizadas em sala de aula se relacionam com a concepção pedagógica da escola, porém não souberam argumentar de que maneira a concepção da escola pode influenciar nas suas metodologias. A resposta de todas as educadoras foi insatisfatória, pois ficou claro que elas não sabiam qual era a concepção pedagógica das instituições escolares.

Em relação às metodologias aplicadas nas aulas de Inglês no 1º ano do Ensino Fundamental I (ensino regular), tem-se:

P3: A prática oral e a associação entre imagem e fala. Que mais...ai eu não “tô” lembrando de mais nada.

A ideia básica do Método Natural de Krashen é que a criança adquira a segunda língua da mesma maneira que a língua materna, ou seja, de forma natural e inconsciente por meio da interação entre falantes da língua-alvo. Segundo Figueiredo e Oliveira (2011, p. 17) “a língua alvo deve ser ensinada fazendo-se uma conexão direta na mente do aluno entre o que ele pensa e aquilo que ele diz”. Dessa forma, o professor deve ensinar e criar atividades em que o objetivo seja falar o inglês, sem fazer uso da L1. Ainda sobre a prática de oralidade em sala de aula, para que as mesmas sejam eficientes para o desenvolvimento da expressão oral, é fundamental trabalhar de acordo com o nível linguístico dos alunos, explorando as possibilidades comunicativas e relacionando a sala de aula com as situações ocorridas no cotidiano das crianças (GOMES; RIOS, 2011, p. 116).

Percebeu-se que durante as observações das aulas, a P3 não trabalhou com práticas de oralidade com as crianças e ela utilizava mais a língua materna durante a aula do que a Língua Inglesa. Antes de realizar os exercícios no livro, ela explicava em Português, substituindo uma ou outra palavra para o Inglês, e, além do mais, ela utilizou imagens (*flashcards*) uma vez para mostrar aos alunos o vocabulário no início da unidade. As duas línguas eram utilizadas numa única sentença.

O livro didático trazia muito vocabulário pertencente ao dia a dia dos alunos, e a professora deixava que eles participassem da aula, contando sobre suas experiências cotidianas. Em cada aula ela escolhia um ajudante de sala, e essa criança ficava com o Ted, o ursinho de pelúcia que era um fantoche. Segundo a professora, “o Ted eu utilizo para as crianças serem “*Polite*”⁴ durante a aula”.

A resposta da professora 2 ficou incompleta, pois ela afirmou que as metodologias estão de acordo com a concepção pedagógica, mas não respondeu a segunda parte da pergunta, sobre as metodologias que eram aplicadas em suas aulas.

Portanto, o ensino de idiomas deveria acontecer por meio da interação, priorizando as práticas de oralidade, escrita e compreensão. Para isso, as respostas das professoras pertencentes ao Curso de Inglês e à escola Bilingue foram as seguintes, respectivamente:

P1: Eu trabalho com os alunos utilizando o livro didático virtual, *slides*, e com apostila infantil onde eles aprendem o vocabulário na Língua Inglesa. Também, com uso dos cartazes na parede, todos os dias eu leio com eles os dias da semana, os meses do ano, os números, o alfabeto, e além do mais faço perguntas sobre o tempo, usando também músicas infantis em inglês, pois eles amam cantar essas musiquinhas. Gosto de utilizar a música para brincar com eles, pois tem dias que eles chegam sonolentos na aula e uma brincadeira os desperta rapidinho. Todo semestre os alunos produzem dois livros literários. De acordo com a leitura do livro “*We’re going on a bear hunt*”, eles fizeram um livrinho menor de acordo com o que entenderam da história. Eu leio a historinha todos os dias para eles e depois mostro vídeos no *Youtube*, trabalho com eles durante muitos dias e posteriormente, eles produzem o livro. Nós também tivemos *cooking class* e *movie session* nesse semestre.

P4: Eu me considero bem criativa com relação às metodologias. Eu gosto de usar músicas para trabalhar audição, e também acho que por mais que no 1º ano eles tenham que saber escrever, eu considero mais importante o desenvolvimento da fala, pois estão numa idade propícia e eles têm capacidade para assimilar tudo que for ensinado. Eu gosto muito de trabalhar com as músicas em sala. Também faço brincadeiras lúdicas, tanto dentro como fora da sala de aula. Às vezes eu crio uma metodologia minha mas não dá certo, então eu gosto de criar metodologias a partir do que o aluno sabe. Eu gosto muito de criar uma metodologia a partir da “performance” dos alunos, considerar o que eles pensam, e de ouvir o que eles propõem também. Eu costumo fazer ditados utilizando letras avulsas. Levo eles frequentemente à biblioteca e leio livros com eles. Esse semestre nós criamos uma paródia em inglês e eu faço muitas pinturas e trabalhos manuais com eles.

As metodologias utilizadas pelas professoras (P1 e P4) se relacionam muito com a Abordagem Comunicativa e a teoria de Krashen. Segundo Krashen (1989, p.55), o professor é o primeiro gerador de *input*. Ele deve criar um ambiente interessante e amigável no qual o aluno se sinta seguro para que ocorra a aquisição da língua. “O professor deve orquestrar um

⁴ O termo “Polite” significa de acordo com o *Cambridge Dictionary* ser educado, atencioso.

número rico de atividades e materiais, os quais devem estar ligados com as necessidades dos alunos visando ao interesse do aluno pelo idioma”.

As práticas pedagógicas criadas pelas professoras, como por exemplo, aulas para fazer uma salada de frutas com as crianças, a criação de uma paródia em inglês utilizando vocabulário que eles conhecem, leituras de livros, brincadeiras lúdicas, sessão de cinema, são atividades que tornam a comunicação em outra língua real e significativa. “Essa abordagem pressupõe que, embora grande parte do processo de aprendizagem da L2/LE ocorra em sala de aula, o aluno aprende a se comunicar por meio de interação com os colegas e com o professor.” (FIGUEIREDO; OLIVEIRA, 2011, p. 30)

Em relação à produção de livros literários, incentivo à leitura e escrita é notável nas aulas de Língua Inglesa. Pois, “[...] é através dele (do texto) que o usuário da língua desenvolve a sua capacidade de organizar o pensamento/conhecimento e de transmitir ideias, informações e opiniões em situações comunicativas”. (BARCELLOS, 2007, p. 2). Esta autora traz a importância do texto para o processo de ensino-aprendizagem de línguas e também contribui para desenvolvimento de habilidades que envolvem o ler e o escrever. Além disso, a aprendizagem de leitura em Língua Estrangeira pode ajudar o desenvolvimento integral do letramento do aluno, e ler em outro idioma pode contribuir para o desempenho dele como leitor na língua materna (BRASIL, 1998, p. 20).

As respostas das professoras estão em conformidade com as observações realizadas, visto que as metodologias tinham como foco desenvolver as quatro habilidades comunicativas, por meio de práticas de interação na língua. Os professores utilizaram uma linguagem mais simples para que a criança compreendesse a mensagem, pois não há aquisição quando o insumo (informação) não é compreendido pelo aluno. Os docentes possuem fluência e proficiência na Língua Inglesa, logo a L2 é o principal meio de instrução, visto que o português é raramente utilizado nesse processo.

Na pergunta três, as professoras apontaram os recursos didáticos que elas utilizavam para aplicar essas metodologias nas aulas de Inglês.

As docentes responderam que utilizam livro didático, *flashcards*, *datashow*, computador, celular, *ipad*, quadro branco, bola, pincel, fones de ouvido, papéis coloridos, brinquedos, som, ursinho de pelúcia (fantoche).

“O professor, conhecedor de teorias, métodos e técnicas, pode, por meio de reflexões sobre sua aula, rever, variar e modificar formas de ensino e aprendizagem com base no desempenho de seus alunos e no modo como eles reagem ao que ocorre em sala de aula” (FIGUEIREDO; OLIVEIRA, 2011, p. 37).

De acordo com as observações ficou perceptível que as professoras dois e três utilizavam muito o livro didático, quadro e em algumas aulas faziam uso dos *flashcards*. Já as docentes um e quatro utilizavam todo material disponível, de maneira que as atividades propostas eram sempre criativas, envolvendo produção de livros, cartões temáticos, brinquedos, práticas pedagógicas com utilização de músicas, vídeos, entre outros trabalhos manuais. Com isso, as aulas ficavam mais interessantes, mais lúdicas e os alunos participavam e comunicavam mais na língua-alvo.

Assim, percebe-se que abordagens baseadas no conceito de aprendizagem com atividades dirigidas e delimitadas pelo conteúdo preestabelecido, raramente contribuem para o interesse dos alunos. Já uma abordagem voltada para o processo de aquisição utiliza-se de metodologias voltadas ao interesse do aluno, priorizando mais a conversação e menos estudo de regras gramaticais. Essa abordagem comunicativa contribui para a motivação do discente ao longo do aprendizado (KRASHEN, 1982).

A pergunta quatro foi direcionada à opinião dos professores, em relação à eficiência das metodologias que eles aplicam nas aulas de Língua Inglesa com crianças, e de que maneira são eficientes para o processo de aquisição da segunda língua. As respostas da (P2) e (P3), do Jardim II e 1º ano do Ensino Fundamental I estão a seguir:

P2: Então, eu acho que elas são eficientes...elas são eficientes sim, e tento melhorá-las com as crianças a cada ano.

P3: Pelo tempo que agente utiliza em aula, assim para aquisição não, mas só pra reconhecimento da língua.

De acordo com o Dicionário *on-line* de Português a palavra eficiência significa “capacidade de realizar tarefas ou trabalhos de modo eficaz e com o mínimo de desperdício; produtividade.” Assim, as metodologias escolhidas e aplicadas pelos educadores precisam ser eficientes para o processo de aquisição da segunda língua, contribuindo para que as crianças se tornem fluentes na L2.

A aquisição para Krashen (1982, p. 10) “refere-se ao processo de assimilação natural, intuitivo, subconsciente, fruto de interação em situações reais de convívio humano em ambientes da língua e da cultura estrangeira, em que o aprendiz participa como sujeito ativo”. Entretanto, as escolas até hoje mantêm um modelo de ensino de línguas tradicional, por meio de memorização de regras e vocabulário. “A atenção volta-se à língua na sua forma escrita e o objetivo é o entendimento pelo aluno da estrutura gramatical e das regras do idioma, cujas partes são dissecadas e analisadas”. (KRASHEN, 1982, p. 10).

A resposta da professora dois mostra incerteza quanto à eficiência das metodologias que ela aplica. Apesar de ela ter afirmado que tais metodologias são sim eficientes, será que de fato, elas contribuem para a aquisição?

A P3 afirmou que as metodologias que ela utiliza em sala de aula não contribuem para a aquisição da língua, pois as crianças reconhecem apenas palavras soltas, vocabulário e expressões. Além do mais, elas possuem contato com a língua somente durante as aulas de Inglês, dificultando esse processo. Segundo Krashen (1982) mesmo que o aluno aprenda um idioma por meio do processo de aprendizagem, só haverá eficácia e durabilidade se o aprendiz desenvolver, paralelamente, a habilidade prática com a língua em ambientes próprios para conversação.

Sendo assim, nas aulas de Inglês das professoras P2 e P3 os alunos não usavam a língua-alvo para interagir com os colegas, pois, como citado anteriormente, as metodologias baseavam-se na prática de exercícios do livro didático.

Em contrapartida, as professoras um e quatro afirmam que suas metodologias são eficientes.

P1: Sim, são sim eficientes. Porque para adquirir uma segunda língua você tem que ter contato com o áudio e com o visual, que é o que fazemos aqui.

P4: Sim, as metodologias são eficientes, pois eu percebo que as crianças no início não compreendem muita coisa da língua, porém com o tempo eles já entendem muitas frases que eu falo. Eu também gosto de usar um vocabulário fácil, tentando fazer eles entenderem o que eu falo. Eu percebo que as metodologias são eficientes, principalmente músicas e vídeos.

As professoras (P4 e P1) afirmam que as metodologias são eficientes, visto que elas proporcionam às crianças mais contato com a língua, desenvolvendo habilidades de conversação, por meio de vídeos, músicas e entre outras práticas comunicativas. A interação é imprescindível para o desenvolvimento da fala. Conseqüentemente, “em uma aula de línguas, mais eficazes do que o contato direto entre professor e aluno são as atividades em pares ou em grupos” (GOMES; RIOS, 2011, p.102). Esta afirmativa relaciona-se com a prática observada nas aulas das professoras, como por exemplo, a contação de histórias, a leitura e produção de livros, as brincadeiras realizadas em grupo ou pares utilizando músicas infantis, os momentos no início da aula em que as crianças ficavam em círculos e algumas perguntas eram feitas e respondidas oralmente na língua-alvo, tais como: Como você está hoje? Que dia é hoje? Que dia foi ontem? Que dia será amanhã? Como foi seu final de semana? Como está o tempo hoje? Quantos anos você tem? Qual sua cor favorita? Perguntas como essa eram feitas frequentemente no início das aulas, assim como outras atividades com foco na oralidade.

Portanto, em comparação ao tempo disponível e a quantidade de aulas de Inglês na escola, as aulas de Inglês no curso de idiomas e no Bilíngue é muito maior, proporcionando às crianças mais contato com a língua, mais prática oral e, conseqüentemente, aquisição da L2.

Em relação à pergunta cinco, as professoras teriam que destacar quais as dificuldades encontradas por elas, com relação ao processo de ensino de uma segunda língua com crianças.

Em geral, as respostas foram semelhantes, quanto à participação da família na escola e a quantidade de aulas semanais. Eles apontaram a falta de incentivo e de envolvimento dos pais com relação à aprendizagem dos filhos. Às vezes, o professor pede um material de casa, ou pede aos pais que baixem o aplicativo no celular para que a criança faça as atividades virtuais, ou que eles auxiliem o filho na tarefa de casa, porém os pedidos não são atendidos. Além do mais, mesmo tendo somente uma aula por semana, alguns pais questionam os professores sobre seus filhos não estarem falando inglês. “Então uma aula semanal é muito curta pra expectativa que o pai tem que o menino dele seja bilíngue”, diz P2. Sobre isso, a família é responsável pela formação do indivíduo, e a escola, por transmitir informação. A escola não deve tomar o lugar dos pais na educação, pois os filhos são para sempre filhos e os alunos permanecem apenas algum tempo vinculados às instituições de ensino que frequentam. (TIBA, 1996).

As dificuldades citadas por P2 e P3 com relação ao tempo das aulas não foram as mesmas para P1 e P4, pois o tempo destinado às aulas de Inglês é muito maior nessas instituições do que no Jardim II e Ensino Fundamental I.

Na pergunta seis as educadoras teriam que falar sobre como elas avaliam o desenvolvimento dos alunos, em relação à aquisição da Língua Inglesa. A seguir algumas respostas foram destacadas:

P1: As avaliações (provas) são uma maneira de avaliar o desenvolvimento do aluno nas quatro habilidades comunicativas (escrever, falar, entender e ler). Além das provas orais. Eu avalio o desenvolvimento dos meus alunos como bom resultado, pois há fácil aquisição da língua.

P3: Eles são avaliados oralmente e através da escrita. Sim, sou eu que faço, eu elaboro e aplico as avaliações. E nós temos duas avaliações orais e duas escritas.

P4: Eu avalio os alunos pelo desenvolvimento a todo o momento durante as aulas, na realização das atividades. E essa turminha se desenvolveu bastante depois que eu comecei priorizar atividades que desenvolvem a fala. Eu percebo que eles têm sede de aprender. Eles são avaliados oralmente e por meio da escrita e são duas avaliações anuais. As avaliações orais são feitas sem que os alunos percebam, porque eu gosto muito de priorizar o desenvolvimento da oralidade, então eu estou

avaliando eles sempre, em todas as atividades que são propostas na sala. As notas não são expressas por meio de números e sim por meio de conceitos.

De acordo com Fernandes (2009, p.87) “a avaliação permite-nos discernir a qualidade de qualquer objeto; muitas vezes é desejável que tal discernimento seja feito com base na utilização complementar de avaliações baseadas em critérios e de avaliações baseadas na experiência e nas práticas das pessoas.” Assim, por meio da avaliação é possível que o professor analise, reflita sobre as abordagens e metodologias aplicadas em sala de aula, percebendo se elas contribuem efetivamente para a eficácia ou não do processo de aquisição da L2.

Algumas maneiras de avaliar os conhecimentos dos alunos sobre a L2 foram citadas pelas professoras. Além de provas orais e escritas, o professor pode utilizar o Portfólio como instrumento avaliativo de todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem de uma L2. Para Faria (2000, p.84), o “Portfólio permite não só que o professor avalie o aluno e a sua própria prática, mas também que o aluno reflita sobre sua caminhada, reconstruindo-a, se necessário”. Portanto, além das avaliações exigidas e realizadas pela escola, os educadores podem montar um Portfólio para cada aluno, incluindo atividades extras, produções escritas, ditados, desenhos, atividades manuais entre outras, que sejam feitas pelas crianças durante o ano letivo. Este material contribuirá tanto para avaliação do professor como do aluno. Além do mais, os pais percebem que seus filhos estão desenvolvendo na aquisição da segunda língua.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo possibilitou uma análise das metodologias aplicadas no ensino de línguas que contribuem ou não para o processo de aquisição de uma segunda língua com crianças. Foi possível identificar os fatores que favorecem a eficiência no aprendizado de uma segunda língua, assim como as dificuldades de alguns professores em proporcionar atividades pedagógicas lúdicas que contribuam para o ato comunicativo.

A pesquisa no campo acadêmico contribuiu com descobertas, tanto teóricas quanto práticas, a respeito do processo de ensino-aprendizagem de língua para crianças.

De um modo geral, as metodologias que priorizam a comunicação, a espontaneidade, por meio da interação com os colegas, apresentam resultados positivos em relação à aquisição da segunda língua. As crianças são envolvidas pelo processo de assimilação, e, conseqüentemente, elas adquirem a língua naturalmente, despercebida das

intenções. Por outro lado, as metodologias aplicadas pelos professores, que atuam no ensino regular, não priorizam as práticas da oralidade e não apresentam resultados positivos, pois o foco das aulas está no livro didático, nos exercícios e nos vocabulários aprendidos. Um dos fatores apontados por eles foi em relação à falta de tempo suficiente para realizar outras atividades pedagógicas, além do livro didático. Portanto, sabe-se que, por exemplo, os alunos possuem aulas de Inglês desde a Educação Infantil (em algumas instituições) até o Ensino Médio, e eles se formam sem saber o básico para se comunicar. Se essas aulas de 50 minutos fossem somadas durante todos esses anos que eles estudam inglês, com certeza o tempo seria suficiente para o aprendizado na língua-alvo. Mas, infelizmente, mesmo sem ter resultados, as metodologias continuam sendo as mesmas, uso do livro didático, do quadro, e das cópias de vocabulários e gramática. Portanto, essas metodologias não contribuem efetivamente para aquisição da língua de maneira natural, prazerosa e significativa.

Os objetivos da pesquisa foram alcançados, visto que os dados obtidos através das entrevistas e observações puderam reafirmar que a depender dos procedimentos utilizados pelo professor, assim como os recursos didáticos, a motivação dos alunos, a comunicação contribuem para o sucesso da aquisição de uma segunda língua, e, conseqüentemente, a fluência e proficiência dessa criança na Língua Inglesa.

Dada a relevância da temática, uma sugestão aos educadores, para o processo de aquisição no ensino de línguas, são as práticas de letramento. Essas práticas são baseadas em atividades que sejam relevantes, não somente para a assimilação dos conteúdos, mas também para o desenvolvimento de uma postura crítico reflexiva que contribua para a formação do aluno como um todo. E isso pode ser promovido a partir da exploração das múltiplas linguagens, por meio do uso de gêneros textuais em sala de aula.

Aos profissionais de educação, a pesquisa poderá trazer contribuições para aplicação prática de metodologias que proporcionem a aquisição da língua de maneira real e significativa para os alunos.

7 ABSTRACT

THE EFFECTIVENESS OF COMMUNICATIVE METHODOLOGIES FOR THE ACQUISITION OF A SECOND LANGUAGE

In an attempt to analyze the methodologies applied in English language teaching and its importance for the linguistic development of children, it is proposed in this article to

investigate if the pedagogical practices used by teachers in English classes for children from 4 to 9 years of age contribute to the communicative act. This study is based on some education theorists such as: Vygotsky (1962, 2007), Krashen (1982, 1985, 1989), Almeida Filho (1993), Figueiredo (2011), Hamers e Blanc (2004), among others and also through observations of classes and interviews with teachers of a language center, private school and bilingual school in the city of Anápolis. The results obtained with the research show that the communicative methodologies contribute to the acquisition of the second language, while the methodologies that do not prioritize the communication only contribute to the recognition and memorization of vocabulary in the target language. Therefore, the effectiveness of the second language acquisition process depends on methodologies that emphasize the practice of orality and the interaction between individuals.

Keywords: Language acquisition. Second language. Methodologies. Children.

8 REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, J. C. P. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. Campinas: Pontes, 1993.

ANTHONY, E. Approach, method and technique. **English Language Teaching**, v.17, 1963.

ASHER, J. **The total physical response approach to second language learning**. Modern Language Journal, 1969.

BARCELLOS, R. S. As múltiplas linguagens e a construção do conhecimento. In: Congresso de Letras da UERJ, 4, 2007, São Gonçalo, RJ. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/ixfelin/trabalhos/pdf/16.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2017.

BOLOGNINI, C. Z.; OLIVEIRA, Ê.; HASHIGUTI, S. **Línguas estrangeiras no Brasil: História e histórias**. Cefiel: Unicamp, 2009, p. 31 a 37.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Lei nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/leis1.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_estrangeira.pdf>. Acesso em: 15 set. 2017.

BROWN, H. D. (Org.) **A survey of Applied Linguistics**. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1972.

CALLEGARI, M. O.V. Reflexões sobre o modelo de aquisição de segundas línguas de Stephen Krashen – uma ponte entre a teoria e a prática em sala de aula. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, 45(1): 87-101, Jan./Jun. 2006.

DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. **Bilinguismo**. 2017. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/eficiencia/>>. Acesso em 15 jul. 2017.

FARIA, E.T. **Avaliação e interação pedagógica: uma reflexão**. In: Enricone D, Grillo M. Avaliação: uma discussão em aberto. Porto Alegre: EDIPUCRS; 2000. p. 69-88.

FERNANDES, D. **Avaliar para aprender: fundamentos, práticas e políticas**. São Paulo: UNESP, 2009. Disponível em <<https://core.ac.uk/download/pdf/12425284.pdf>>. Acesso em 29 nov. 2017.

FIGUEIREDO, F. J. Q.de; OLIVEIRA, E. C. de. Sobre métodos, técnicas e abordagens. In: FIGUEIREDO, F.J (Org). **Formação de professores de Línguas Estrangeiras: princípios e práticas**. Editora UFG, 2011.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GOMES, T. F. **Aquisição da segunda língua na primeira infância: a Língua Inglesa na Educação Infantil**. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

GOMES, V. M; RIOS, L. M. Produção oral. In:FIGUEIREDO, F. J. Q. de (org).**Formação de professores de línguas estrangeiras: princípios e práticas**. Editora UFG, 2011.

G1. **Estagnado há cinco anos, Brasil segue com proficiência baixa em inglês e atrás de todos os Brics**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/estagnado-ha-cinco-anos-brasil-segue-com-proficiencia-baixa-em-ingles-e-atras-de-todos-os-brics.ghtml>>. Acesso em: 12 set. 2017.

HAMERS, J. F.; BLANC, M. H. A. **Bilinguality and Bilingualism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

KONKIEWITZ, E.C. “Tópicos em Neurociência Clínica”. In: KONKIEWITZ, E. C. (org). **Neurobiologia da linguagem e afasias - Os processos da comunicação e suas deficiências**. UFGD, 2009.

KRASHEN, S. **Child-Adult Differences in Second Language Acquisition**. Massachusetts: Newbury House Publishers, 1982.

_____. **The Input Hypothesis: Issues and Implications**. London, Longman. 1985.

_____. **Language Acquisition and Language Education**. Prentice Hall International, 1989.

LOZANOV, G. **Suggestology and Outlines of Suggestopedy**. Philadelphia: Gordon and Breach Science Publishers, 1978.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da Metodologia científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2003. 5a ed. p.43 e 44.

MARQUES, F. S. **Ensinar e aprender e a competência comunicativa**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

MEGALE, A. H. Bilinguismo e educação bilíngue-discutindo conceitos. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem-REVEL**. v.3, n. 5, agosto de 2005.

MESSIAS, R. A. L.; GARCIA, D. N. de M.; LOPES, J. A. **Múltiplas linguagens e gêneros discursivos**. UNESP, Rede São Paulo de Formação Docente. São Paulo, 2011.

OLIVEIRA, Z. de M. R. de. **Educação Infantil: Fundamentos e Métodos**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PRABHU, N. S. There is no best method- Why? **TESOL Quartely**, v.24, n.2, 1990.

ROMANOWSKI, J. P.; MARTINS, P. O.; JUNQUEIRA, S. R. A. (Org.). **Conhecimento local e conhecimento universal: diversidade, mídias e tecnologias na educação**. Curitiba: Champagnat, 2004. p. 245-254.

SPINASSÉ, K. P. Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil. **Revista Contingentia**, v. 1, novembro de 2006. Disponível em: <file:///C:/Users/Computador/Downloads/3837-12855-1-PB.pdf>. Acesso em: 12 set. 2017.

TIBA, I. **Disciplina, limite na medida certa**. 1ª ed. São Paulo: Editora Gente, 1996.

TONELLI, J. R. A. **Histórias infantis no ensino da Língua Inglesa para crianças**. Londrina, 2005.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VIGOTSKY, L.S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Organizadores Michael Cole (et al.). Traduzido por José Cipolla Neto. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

9 APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro de observação utilizado durante às aulas

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

➤ Observação das aulas de Inglês na educação Infantil

DATA:

TURMA:

PROFESSORA:

- 1- Quantos alunos há em sala?
- 2- Qual a temática (conteúdo) está sendo trabalhado?
- 3- De que maneira (método) o professor está aplicando este tema (conteúdo)?
- 4- Quais recursos didáticos foram utilizados?
- 5- Os alunos prestam atenção enquanto a professora fala? Por quanto tempo?
- 6- Os alunos participam e interagem com o professor, em relação ao conteúdo?
- 7- Como é o relacionamento entre professor-aluno?
- 8- Outros.

APÊNDICE B- Entrevistas realizadas com professores de inglês

Entrevista para Trabalho de Conclusão de Curso sobre “A eficiência de metodologias comunicativas no processo de aquisição da segunda língua”

- Apresentação social e profissional do professor(a):
 - Profissão:
 - Idade:
 - Estado civil:
 - Cargo:
 - Tempo de contrato:
 - Horas de trabalho:
 - Formação acadêmica:
 - Experiência em docência de idiomas (Edu. Infantil e/ou Ens. Fundamental):
 - Sexo: () Masculino () Feminino
 - Nacionalidade/Cidade-Estado:
- 1- Qual a faixa etária dos alunos?
 - 2- Quais metodologias são aplicadas em suas aulas de inglês? Elas se relacionam com a concepção pedagógica da escola? De que maneira?
 - 3- Quais os recursos didáticos você utiliza para a prática (aplicação) dessa metodologia?

- 4- Em sua opinião, a(s) metodologia(s) que está(ão) sendo aplicadas em sala de aula, são eficientes para o processo de aquisição de uma segunda língua com crianças? De que maneira?

- 5- Quais as dificuldades você encontra com relação ao processo de ensino de uma segunda língua para crianças?

- 6- Como você avalia o desenvolvimento dos seus alunos, em relação à aquisição da Língua Inglesa?